

## SOLEDAD - A TERRA É FOGO SOB NOSSOS PÉS

Por Doralice Lopes

Quando um grupo de artistas se propõe a usar um acontecimento histórico como mote para a criação artística, o risco que se corre ao submeter a arte ao acontecimento é grande: pode-se cair num didatismo excessivo. O teatro deve estar a serviço dele mesmo e causar efeitos no público, principalmente, enquanto experiência estética, e não como aula, notícia ou ilustração de algo.

A experiência, em *Soledad — a Terra é fogo sob nossos pés*, apresentada na IX mostra Capiba de Teatro, causa em nós, espectadores, sensações muito pertinentes em relação ao que é proposto pelo espetáculo e pela ideologia dos artistas envolvidos: a necessidade de justiça, de luta, e de atenção às histórias que parecem, para alguns, ultrapassadas e resolvidas.

No entanto, percebemos que situações ou citações ditas há décadas fazem todo sentido no ano em que estamos: em que pessoas são mortas, violentadas, maltratadas pelo poder público sob a justificativa de causarem mal para as outras apenas por não seguirem, não se submeterem ou não se encaixarem no que é entendido como correto, comum; e por essas pessoas termos pensamentos e ações que vão de encontro ao pensamento elitista e predominante são consideradas inimigos do povo.

Os adereços de cena com os quais Hilda conta para nos apresentar a história -ou uma história- de Soledad Barret Viedma, militante comunista nascida no Paraguai, e dos que a rodearam, evoluem ao longo do espetáculo. O que não tem tanto sentido no início -ou parece apenas ilustração- é ressignificado por Hilda e nos surpreende pelas metáforas e poéticas que cada objeto carrega e/ou que é atribuído a ele.

As referências que aparecem nas cenas a partir dos elementos de determinadas culturas e que fizeram parte das próprias referências de Soledad e dos lugares por onde ela passou aparecem na cena enquanto arte, teatralidade, como os passos de frevo e do cavalo marinho que compõem os movimentos de luta da personagem ou as expressões ditas em outra língua, que não o português, mas que não atrapalham - em nenhum momento- a compreensão de quem não tem as referências citadas ou conhecimentos à priori: sustentam-

se e carregam uma notável força política enquanto arte, enquanto teatro.

Hilda ainda se utiliza de alguns recursos cênicos como a interrupção de cenas em que se desmonta da personagem para nos trazer dados históricos. Contudo, o faz sem perder o senso estético-poético do espetáculo e, por não abrir mão de dar esses informes, os traz com beleza, sensibilidade, para despertar em nós outros olhares (além do mais cômodo) e assim podemos fruir da obra de forma mais ampla e crítica possível.

*- Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto Cena em Questão, no Sesc Casa Amarela (Recife - PE), a partir da programação da Mostra Capiba, no período de 17 a 21/10/2016.*